contrapontos
DOI: 10.14210/CONTRAPONTOS.V26.e22462
Dossiê temático Mediação literária na escola: da concepção às práticas pedagógicas

SE UM SAPATO PODE MIAR, O QUE PODE UM TEXTO LITERÁRIO? UMA VIVÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

IF A SHOE CAN MEOW, WHAT CAN A LITERACY TEXT DO? A LITERARY READING EXPERIENCE AT SCHOOL

SI UN ZAPATO PUEDE MAULLAR, ¿QUÉ PUEDE HACER UN TEXTO LITERARIO? UNA EXPERIENCIA DE LECTURA LITERARIA EN LA ESCUELA

Marli Cristina Tasca Marangoni
Universidade de Caxias do Sul

Claudia Leite Brandão
Professora Estado de Mato Grosso

Júlia Duarte Schenkel
Professora rede municipal de ensino Farroupilha/RS

LICENÇA CC BY:
Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

Artigo recebido em: 10/08/2026
Aprovado em: 13/09/2026

Resumo: A presente investigação dedica-se ao relato e à análise de um momento de vivência literária desenvolvido em escola pública do município de Primavera do Leste, a partir da obra "O sapato que miava", de Sylvia Orthof, pertencente ao acervo do PNLD Literário, disponível no espaço escolar. O estudo insere-se no âmbito do Projeto PNLD literário na escola: caminhos de formação artística e estética, que busca elucidar como acontece a mediação do literário ofertado às escolas por meio do referido programa. A partir de Candido (2004) e Neitzel e Ramos (2022), a análise, embasada no relato da prática observada e em entrevista com a professora que desenvolveu a proposta, aponta caminhos para a potencialização da leitura literária na escola e para que ela se concretize como oportunidade de experiência estética.

Palavras-chave: PNLD Literário; mediação; experiência estética.

Abstract: This study is dedicated to reporting and analyzing a literary experience carried out in a public school in the municipality of Primavera do Leste, based on the work O sapato que miava (The Shoe That Meowed), by Sylvia Orthof, from the PNLD Literary collection available in the school. The study is part of the project PNLD Literary at School: Paths to Artistic and Aesthetic Education, which seeks to clarify how the mediation of literary works provided to schools through this program takes place. Based on Candido (2004) and Neitzel and Ramos (2022), the analysis, grounded in the report of the observed practice and in an interview with the teacher who developed the activity, points to ways of enhancing literary reading at school so that it may be realized as an opportunity for aesthetic experience.

Keywords: PNLD Literary; mediation; aesthetic experience.

Resumen: Esta investigación se dedica al relato y análisis de una experiencia literaria desarrollada en una escuela pública del municipio de Primavera do Leste, basada en la obra "El zapato que maullaba", de Sylvia Orthof, perteneciente a la colección literaria del PNLD disponible en la escuela. El estudio forma parte del Proyecto Literario del PNLD en las escuelas: caminos de formación artística y estética, que busca dilucidar cómo se produce la mediación de la literatura ofrecida a las escuelas a través de este programa. Con base en Candido (2004) y Neitzel y Ramos (2022), el análisis, basado en el relato de la práctica observada y una entrevista con la docente que desarrolló la propuesta, señala maneras de potenciar la lectura literaria en la escuela y de materializarla como una oportunidad para la experiencia estética.

Palabras clave: PNLD Literario; mediación; experiencia estética.

LEITURA LITERÁRIA E ESCOLA: UM ENCONTRO

O que faz um gato dentro de um sapato? O que faz um texto literário dentro da sala de aula? Texto literário e escola acolhem-se e repelem-se mutuamente, aproximam-se e distanciam-se, a depender do projeto escolar, das oportunidades de presença do literário, das frestas do currículo, do perfil docente... Desde o início da sua trajetória, as relações entre escola e literatura abrigam tensões, pois a arte tende a ser "pedagogizada", quando colocada em sala de aula. Entretanto, trata-se de um encontro buscado e requerido, como necessidade formativa e como direito (a partir de Candido, 2004).

O presente estudo dedica-se à vivência de leitura literária desenvolvida em escola pública no município de Primavera do Leste, situado no estado de Mato Grosso, a partir da exploração da obra O sapato que miava (Sylvia Orthof, 2021), no ambiente escolar. A investigação insere-se entre as ações do Projeto desenvolvido em rede PNLD literário na escola: caminhos de formação artística e estética, cujo objetivo é responder à questão: como ocorre a mediação de obras literárias do PNLD? A investigação volta-se às concepções de Literatura e de educação literária presentes no PNLD Literário, desde as orientações normativas até a presença e a abordagem do material na escola, de modo a contribuir com políticas públicas de atendimento à escola/ao aluno. Nesse contexto, o presente artigo focaliza um momento específico de mediação do PNLD Literário na escola, buscando visibilizar o que esse episódio revela acerca da presença do objeto literário no espaço escolar e sua mediação.

Com esse movimento, intenta-se acompanhar e dar sentido à política pública desenvolvida pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), promovido pelo Ministério da Educação do Brasil. Por meio desse Programa, são avaliados e distribuídos gratuitamente livros didáticos, pedagógicos e literários às escolas públicas das redes da educação básica. Ao questionar que livros literários estão chegando às escolas e como tais livros estão sendo lidos e "vividos" por professores e estudantes, projeta-se luz sobre etapas decisivas na atuação do Programa, e para o processo de educação estética e de formação do leitor literário na escola.

Embora o PNLD Literário represente um importante avanço na democratização do acesso ao livro, a presença física das obras na escola não garante, por si só, sua inserção nas práticas de leitura literária. Entre o envio dos livros às instituições de ensino e sua efetiva circulação entre professores e estudantes, inscrevem-se escolhas relacionadas à seleção das obras, ao repertório do docente, às formas de mediação e às condições em que a leitura acontece. Compreender esse percurso significa reconhecer que políticas públicas de distribuição do livro e processos de formação docente são dimensões complementares na constituição da educação literária.

Entre a chegada do livro à escola e sua leitura pelos estudantes existe um percurso tecido por escolhas, gestos e modos de mediação. É nesse espaço de encontro entre a obra, o professor e os leitores que a literatura ganha vida no cotidiano escolar, permitindo observar como diferentes concepções de leitura, de literatura, de ensino e de formação se materializam na prática. Mais do que identificar estratégias de leitura, interessa compreender como a atuação do professor favorece ou limita os modos de encontro entre o estudante e a obra, transformando o livro distribuído por uma política pública em experiência de leitura literária.

DOI: 10.14210/CONTRAPONTOS.V26.e22462
Dossiê temático Mediação literária na escola: da concepção às práticas pedagógicas

Se um sapato pode miar, o que pode o texto literário, quando acolhido na escola? O olhar sobre a vivência de leitura literária que teve lugar no chão da sala de aula revela dados significativos da formação docente inicial e continuada, das concepções de literatura e das visões de literatura e sua presença na escola. Neste estudo, inicialmente, discute-se o modo como o livro literário é escolhido e as relações do literário com o fazer pedagógico, com base em depoimento da professora que desenvolveu a prática. Posteriormente, o relato sobre a vivência de leitura observada ampara reflexões sobre a mediação, suas possibilidades e limites, no contexto escolar, evidenciando como a formação da professora e suas experiências como leitora atravessam as escolhas realizadas e contribuem para compreender os desafios e as potencialidades da circulação das obras literárias distribuídas pelo PNLD.

SELEÇÃO E USO DO TEXTO LITERÁRIO: ESCOLHENDO UM SAPATO (MAIS) LARGO

Como um livro literário é escolhido para ser lido a uma turma de alunos? Diferentemente dos objetos de aprendizagem que pautam as rotinas escolares, cuja obrigatoriedade é indicada pela BNCC, o objeto "livro literário", em si, é uma escolha do docente, escolha balizada pela liberdade, pelo gosto pessoal, pela disponibilidade do acervo e pelo repertório docente. Um livro literário, quando chega à cena da sala de aula, é, em suma, um grande herói! (Ramos, 2010). Ainda quando o livro é distribuído gratuitamente às escolas públicas, como é o caso daqueles que integram o acervo do PNLD Literário, a presença dessa obra na aula e o seu encontro efetivo com os leitores passam pelo professor. É ele quem atribui sentido à presença do livro na sala de aula, definindo o momento, as formas de aproximação com a obra e as formas de interação que serão construídas com os estudantes. Assim, compreender os critérios que orientam essa escolha permite o entendimento de como a literatura se faz presente no cotidiano escolar e quais concepções de leitura, de literatura, de ensino e de formação do leitor atravessam essa prática. Vamos conhecer um pouco o herói da experiência literária que será relatada a seguir? O sapato que miava foi escrito por Sylvia Orthof e ilustrado por Ivan Zigg (Figura 1).

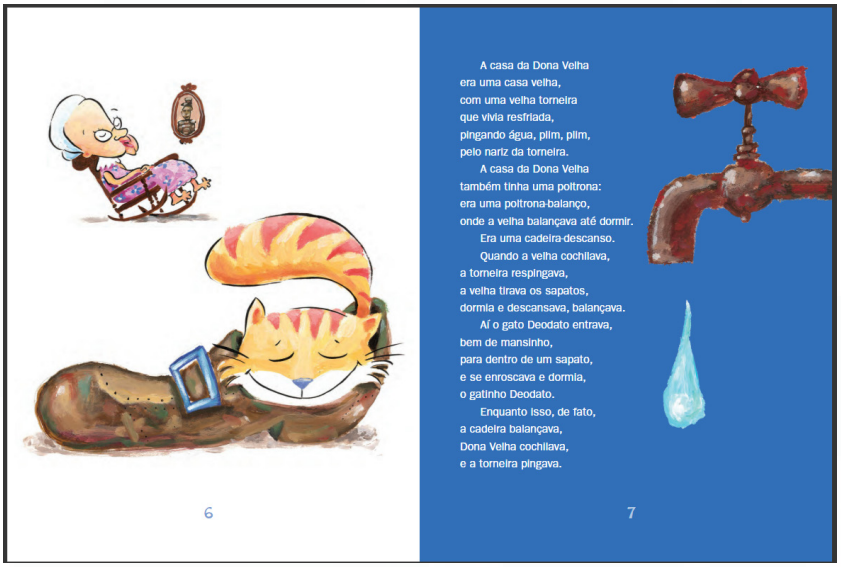
Figura 1: Capa e 2ª capa da obra O sapato que miava



Fonte: Orthof e Zigg (2021).

Trata-se de uma narrativa em terceira pessoa, que centraliza a Dona Velha, uma senhora que tinha um gato e um velho par de sapatos. Certo dia, o gato entrou em um dos sapatos, e ela o calçou, sem notar o animal dentro dele. Enquanto ela andava, o sapato miava. O livro é caracterizado pelo humor que marca o enredo, e por investimentos sonoros, como repetições, rimas e onomatopeias, que acentuam o tom lúdico da história. Esses recursos podem ser observados na Figura 2, em que a articulação entre linguagem verbal e ilustração potencializa os efeitos sonoros e humorísticos do conto.

Figura 2: Página da obra O sapato que miava, com humor, repetições e efeitos sonoros



Fonte: Orthof e Zigg (2021).

Buscando elucidar o porquê da sua escolha, em depoimento, a professora da turma observada relata que conheceu o livro quando participou de uma formação pedagógica, intitulada "Estratégias de leitura": "achei curioso e imaginei que as crianças iriam se divertir com a ideia. Queria uma história leve, com espaço para onomatopeias, para eles imitarem e brincarem e ainda deixar a imaginação ir para onde eles quisessem". O depoimento evidenciou que a escolha da obra decorreu do contato prévio da professora com o livro como leitora, antes de assumi-lo na condição de mediadora. Como observa Cosson (2014), o professor constitui o intermediário entre o livro e o aluno, sendo seu repertório de leituras um dos fatores que mais influenciam a seleção das obras que chegam à sala de aula.

O contato prévio da professora com a obra literária antecede sua mediação em sala de aula. Antes de propor a leitura às crianças, ela experimentou o texto como leitora, reconhecendo efeitos de humor, brincadeira e participação. Esse movimento reforça a compreensão de que a mediação literária começa antes do encontro entre livro e estudantes, constituindo-se desde o momento em que o professor lê, seleciona e atribui sentidos à obra que levará à sala de aula.

Chama a atenção o fato de o livro ter sido conhecido não na escola (no acervo do PNLD disponível no espaço escolar), mas durante atividade de estudo, em que se pressupõe reflexão e mediação. Pode-se depreender daí que a composição de repertório e a escolha dos livros literários por parte do professor são, também, perpassadas por instâncias mediadoras. Nesse sentido, o episódio evidencia que a disponibilização das obras pelo PNLD Literário, embora fundamental para democratizar o acesso ao livro, não assegura, por si só, sua incorporação às práticas de leitura desenvolvidas na escola. A formação continuada configura-se decisiva nesse contexto, privilegiado para aproximar o professor das obras, ampliar seu repertório e contribuir para a circulação no cotidiano pedagógico.

Nessa perspectiva, a experiência analisada permite identificar diferentes instâncias de mediação. O livro chegou à escola por meio de uma política pública, foi conhecido pela professora em um espaço formativo e, posteriormente, alcançou os estudantes por intermédio da leitura compartilhada. Essa dinâmica evidencia que a circulação do texto literário resulta da articulação entre políticas de acesso, processos de formação docente e práticas de mediação desenvolvidas na escola.

Espaços de troca e interlocução com pares ampliam o repertório docente e podem encaminhar pequenas inovações no cotidiano pedagógico. Por isso, compor redes de compartilhamento e estudo é uma prática que tende a inspirar os docentes e subsidiar a presença do literário. Diante disso, Nóvoa (2009) defende que o desenvolvimento profissional docente é fortalecido em espaços de colaboração e partilha entre professores, nos quais a reflexão sobre a prática contribui para a construção coletiva de conhecimentos e a inovação pedagógica.

Sob essa perspectiva, a formação continuada deixa de ser compreendida apenas como "atualização pedagógica" e passa a constituir-se também como espaço de formação do leitor que ensina. Ao ampliar seu repertório de leituras e compartilhar experiências com outros professores, o docente fortalece condições para reconhecer diferentes maneiras de aproximação entre crianças e literatura, repercutindo diretamente nas escolhas que realiza em sala de aula. A vivência analisada sugere, ainda, que esses espaços formativos favorecem o conhecimento de obras e materiais disponibilizados por políticas públicas, como o PNLD Literário, ampliando seu uso e sua circulação nas práticas de leitura da escola.

Na entrevista, a professora relata que costuma fazer suas escolhas com base no tema, privilegiando a visão pedagógica à estética:

> *Primeiro penso no tema que quero trabalhar. Depois de ver o que está disponível na escola ou na biblioteca e avaliar se tem linguagem próxima da molecada. Às vezes, perguntas sobre o que eles querem ouvir.*
>
> *Sempre considerei importante trazer a literatura para a sala, mas sinceramente, comecei a fazer isso de forma mais regular quando percebi que alguns temas do cotidiano das crianças podiam ser trabalhados a partir de histórias. Gosto de usar quando quero provocar alguma conversa sobre comportamento, convivência ou as mesmas questões de identidade. Não digo que uso sempre, porque também tenho outras demandas, mas vejo, quando há pertinência, recorro ao livro literário.*
>
> *No meu início de carreira, não usava tanto [o texto literário]. Fui inserindo aos poucos, conforme uma oportunidade de discutir temas como respeito, diferenças, mudanças na família ou até amizade. Sempre focando no que acho que tem sentido real para a turma naquele momento.*
>
> *Na prática, acabei me inclinando mais para o pedagógico quando preciso trabalhar algum tema, mas tento reservar espaço para o lúdico e o prazer de ouvir histórias. Não forço a barra, proponho, mas se não engajou, mudo a proposta.*

Os depoimentos revelam uma tensão recorrente nas práticas escolares de leitura literária. De um lado, a literatura é escolhida em função de objetivos pedagógicos previamente definidos, o que faz com que a seleção da obra seja orientada, sobretudo, pelo tema. De outro, a professora reconhece a importância de preservar o caráter lúdico da leitura e o prazer de ouvir histórias, sinalizando que a experiência literária não se reduz à dimensão utilitária.

Essa tensão, contudo, não se manifesta de forma rígida na prática observada. Embora a professora afirme que costuma selecionar as obras a partir de objetivos pedagógicos, a escolha de O sapato que miava ocorreu principalmente em razão dos recursos da linguagem, do humor e das brincadeiras com a linguagem que a narrativa poderia suscitar. Desse modo, a experiência observada sugere que as finalidades pedagógicas e a dimensão estética da literatura podem coexistir, desde que a mediação preserve espaços para a imaginação, a participação dos estudantes e a fruição do texto literário.

A preocupação da professora em "reservar espaço para o lúdico e o prazer de ouvir histórias" supõe cuidado, ainda que em momentos pontuais, com a gratuidade que permeia a arte, ensejando oportunidades de arejamento, nos quais o compromisso com a aprendizagem está menos amarrado a pautas da aprendizagem escolar, como a alfabetização, e pode abrir frestas para a experiência estética. Segundo Neitzel e Ramos (2022),

> a experiência estética, por meio da leitura do literário, compreende um movimento de apreensão do texto pelas vias sensoriais, como também pela razão, sem apartamentos, para que o impulso lúdico seja desenvolvido em uma relação que tecemos simultaneamente com o texto, conosco e com o mundo que nos cerca, a qual se potencializa no jogo com o texto pela sua fruição (Neitzel; Ramos, 2022, p. 40).

No caso relatado, a intencionalidade lúdica que norteou a seleção da obra contribuiu para que a leitura fosse vivida para além do atendimento a objetivos pedagógicos imediatos. O humor, os efeitos musicais e as brincadeiras sonoras com a linguagem possibilitaram o envolvimento das crianças com a narrativa, aproximando-as de uma experiência de fruição que mobilizou, simultaneamente, imaginação, sensibilidade e compreensão do texto. Na avaliação da professora, suas aulas promovem a educação literária de modo não sistemático: "é mais convite e oportunidade do que rotina". Essa percepção evidencia que, embora a literatura esteja presente em sua prática de forma planejada, sua inserção ainda ocorre de maneira episódica, dependendo das oportunidades construídas no cotidiano escolar.

Nesse contexto, cabe refletir sobre a relevância da continuidade e da progressão no contato com o literário, visto que a formação do leitor literário demanda movimentos sucessivos de atendimento, ruptura e ampliação do horizonte de expectativas, conforme operacionalização da estética da recepção, proposta por Bordini e Aguiar (1988). Nessa experiência de leitura, a escolha da obra se deu com base na linguagem e seus efeitos prováveis junto aos leitores, como o humor, a musicalidade da narrativa e as brincadeiras sonoras, e não com base no critério costumeiramente adotado nas práticas escolares, o tema. Esse "sapato mais largo" permitiu uma leitura mais livre e aberta, ensejando produção oral e participação. A atenção e o respeito da professora às reações das crianças possibilitaram que a leitura ganhasse porosidade, acolhendo às falas e relações estabelecidas pelos estudantes.

A VIVÊNCIA: A PASSOS SONOROS

A mediação de que se ocupa o presente estudo aconteceu no dia 6 de agosto de 2025, em uma turma do 3º ano da EMEF 13 de Maio, formada por 22 crianças. Com o consentimento da professora, os diálogos foram registrados durante a observação da aula. Segundo o relato da docente, trata-se de uma turma com ritmos de aprendizagem variados. Há estudantes que leem com fluência, enquanto outros ainda se apoiam nas imagens ou nos colegas para compreender o texto. A professora procura organizar as atividades de forma a incluir todos, equilibrando oralidade, leitura compartilhada e momentos de brincadeira.

A leitura do livro O sapato que miava foi realizada no início da aula, como atividade de abertura e acolhimento. A apresentação do livro foi feita pela professora, que, embora sem empregar objetos propositores[1], explorou título, capa e ilustração antes de iniciar a leitura, procurando colocar os estudantes em estado de disponibilidade e de escuta ativa. Ao mobilizar esses elementos paratextuais, impulsionou a formulação de hipóteses sobre a narrativa e estimulou a participação dos estudantes desde os primeiros contatos com a obra. A atividade foi desenvolvida em sala de aula, onde os estudantes permaneceram sentados em suas carteiras, e a professora circulou entre as fileiras, na tentativa de se aproximar e favorecer o diálogo.

A professora projetou o arquivo em PDF na TV da sala, exibindo a capa e mostrando também o livro físico que trazia nas mãos. Falou com entusiasmo, dizendo: "Hoje vamos ler uma história com um sapato que faz uma coisa bem estranha. Vamos ver se vocês descobrem o que é". As crianças se inclinaram para a tela, curiosas. Alguns estudantes cochichavam entre si, tentando adivinhar o que aconteceria. Quando a professora perguntou o que imaginavam sobre um sapato que miava, as respostas vieram em sequência, entre risadas e comentários curiosos.

Um menino disse alto: "Acho que tem um gato escondido dentro, professora, e ninguém sabe!". Outra completou: "Ou então o gato virou sapato, igual desenho!". Uma aluna mais tímida levantou a mão e disse que talvez "o sapato fosse mágico e falasse com a dona". Um garoto mais brincalhão comentou que "sapato que mia deve estar possuído", arrancando gargalhadas dos colegas. Uma menina respondeu rindo: "Minha mãe ia jogar fora rapidinho um sapato desses". Outro disse: "Esse sapato deve ter dormido com o gato e pegou o miado pra ele".

As falas mostram imaginação viva e humor típico da infância, além de evidenciarem o repertório cultural que atravessa as experiências do grupo. As hipóteses formuladas pelas crianças nasceram da exploração do título e da capa da obra, revelando que, antes mesmo da leitura do texto, elas já mobilizavam conhecimentos prévios, experiências e referências do imaginário infantil para construir sentidos. A professora escutou atentamente, sorriu e retomou algumas falas, perguntando: "Será que o sapato pode mesmo virar um gato? Ou será que o gato é quem virou sapato?" – essas devolutivas mantiveram a conversa em tom de jogo e curiosidade, possibilitando que todos se sentissem parte da leitura.

Mais do que antecipar acontecimentos da narrativa, a formulação de hipóteses permitiu que as crianças ocupassem uma posição ativa diante do texto, colocando em ação seu repertório cultural, suas experiências e sua imaginação. Antes mesmo da leitura integral, o livro já se constituía um espaço de produção de sentidos, evidenciando que a mediação não se restringe ao momento da leitura em voz alta, mas começa quando o professor cria condições para que os leitores estabeleçam vínculos com a obra.

Durante a leitura projetada, a professora lia com entonação expressiva e pausava para enfatizar os sons das palavras. Destacou expressões como "Miau!", "Au! Au!" e "plim, plim", além das repetições presentes no texto, convidando a turma a repeti-las. Como se observa na Figura 3, a narrativa mobiliza recursos sonoros, como as onomatopeias "Miau!" e "Au! Au!", integradas às ilustrações e ao ritmo do texto. Esses elementos potencializam o humor da história e contribuem para a leitura em voz alta, aspecto explorado pela professora, ao incentivar as crianças a reproduzirem os sons e a brincarem com a linguagem.

1 O conceito de objetos propositores, desenvolvido pela professora e pesquisadora Mirian Celeste Martins (Martins, 2005), refere-se a suportes abertos, múltiplos e provocadores, que desafiam o público a ter encontros significativos com a arte, a cultura e a mediação cultural. Não se trata de um mero recurso didático ou de um "enfeite" para a aula, mas de um disparador de experiências estéticas e poéticas.

Figura 3 – Recursos sonoros e humorísticos na obra O sapato que miava



Fonte: Orthof e Zigg (2021).

Um aluno imitou um gato miando e, logo, toda a turma o acompanhou, produzindo uma mistura de sons altos e risadas. Um grupo começou a repetir "plim plim" com o ritmo de uma música de celular. Outros criaram novos ruídos, dizendo "toc toc", como se batessem na porta; ou "psh psh", como barulho de vassoura.

A professora incentivou a brincadeira, pedindo que identificassem quais desses sons apareciam no cotidiano deles. Uma criança comentou: "Lá em casa tem esse plim plim da pia o dia inteiro, professora". Outra disse: "Minha cadeira também faz barulho quando balanço, igual a do livro". Mesmo as crianças que ainda não estavam alfabetizadas se envolveram, reforçando as solicitações da professora para a repetição e, ao mesmo tempo, interagiam com as respostas dos colegas.

Ao incentivar a reprodução dos sons e das repetições, a professora deslocou a atenção das crianças para a materialidade da linguagem. Nessa dinâmica, a sonoridade deixou de constituir mero recurso expressivo da narrativa para tornar-se elemento de participação coletiva, aproximando os estudantes do texto por meio do corpo, da voz e da escuta.

Durante a atividade, portanto, os alunos comentaram e discutiram sobre a obra, a partir de trechos destacados pela professora, enquanto esta acolheu as falas das crianças, retomando suas ideias e conectando-as aos trechos da história, demonstrando atenção ao modo como cada aluno compreendia o texto. Ramos, Marangoni e Maciel (2017) sustentam que o texto literário é composto de dobras e convida o leitor a "desdobrar-se", enquanto lê: "não basta abrir as páginas do livro: há que se desdobrar o olhar e a sensibilidade" (Marangoni; Maciel, 2017, p. 1030). Isso porque "O entendimento de um texto implica deslocamento do leitor, que parte do lugar onde está e inicia uma expedição na qual dialogam, no mínimo, suas reminiscências e aquilo que é posto pelo texto. Os modos de efetivar esse movimento de construção, por sua vez, são inúmeros" (Marangoni; Maciel, 2017, p. 1019).

Nesse sentido, a leitura literária tem um ponto de partida conhecido e planejado, mas o ponto de chegada resulta da interação coletiva e da construção de sentidos que cada sujeito leitor protagoniza. A prática em foco evidenciou a intencionalidade de oportunizar um momento de deleite e interação com a arte, valorizando o humor e a ludicidade da obra. Os estudantes mostraram envolvimento e entusiasmo, riram, criaram hipóteses sobre o "sapato que miava" e participaram ativamente da leitura compartilhada.

Quando a leitura terminou, a professora retomou o fio da narrativa, perguntando o que cada um tinha entendido. Uma aluna respondeu que "o sapato era diferente e ninguém aceitava ele". Outra disse: "O sapato não era maluco, ele só fazia barulho de gato". Essas falas abriram caminho para reflexões sobre diferença e respeito, que a professora acolheu sem interromper a conversa.

Seguindo os combinados com a turma, ela escolheu três crianças para recontar a história aos colegas. Explicou que cada reconto teria seis minutos e projetou o cronômetro na TV. A primeira criança começou dizendo: "Era uma vez uma senhora que achou um sapato que fazia miau". Durante a fala, misturou lembranças do texto com expressões próprias, rindo quando esquecia de uma parte. A turma reagiu, completando os trechos. A segunda criança começou dizendo: "O sapato era danado, vivia miando e acordava todo mundo". A professora observava, reforçando o tempo e incentivando as pausas para que todos pudessem ouvir. A terceira criança, mais tímida, começou devagar, mas logo se animou quando os colegas aplaudiram. Disse: "O sapato era amigo do gato e os dois viraram amigos da dona velha".

Os recontos evidenciaram que as crianças não apenas recuperaram acontecimentos da narrativa, mas os reconstruíram com palavras próprias, reorganizando personagens, ações e sentidos. Mais do que reproduzir a história, apropriaram-se dela, atribuindo novos sentidos ao texto a partir de suas experiências e de sua compreensão da narrativa. A mediação da professora, ao valorizar diferentes formas de recontar sem buscar uma reprodução fiel da história, favoreceu a participação das crianças e reconheceu o reconto como espaço para a experiência de leitura. A professora encerrou o momento dizendo que cada reconto é uma forma de lembrar e reinventar a história. Em seguida, introduziu o vídeo da ópera Duetto Buffo di Due Gatti. Antes de iniciar, deixou a imagem parada na tela, mostrando as duas mulheres vestidas de gala e perguntou: "O que vocês acham que vai acontecer agora?". As crianças ficaram olhando e fizeram comentários entre si. Um menino disse: "Parece casamento". Outra respondeu: "Parece show de televisão". Uma garota disse: "Vai começar o desfile, professora". A professora insistiu: "Pelo jeito que estão vestidas e pelo palco, o que será que vai acontecer? Será que elas vão falar ou cantar?". Uma criança respondeu: "Vão cantar, né? Mas parece música triste". Outra completou: "Não, professora, vai ser tipo canto de igreja".

Ao aproximar a narrativa literária de outra linguagem artística, a professora ampliou as oportunidades de fruição da obra, estimulando as crianças a estabelecer relações entre diferentes manifestações da arte. A professora aproveitou a diversidade de respostas para explicar o que é uma ópera e perguntou se alguém já tinha ouvido falar. As crianças disseram que não conheciam. Quando o vídeo começou, a turma se surpreendeu com as vozes das cantoras. Algumas crianças taparam a boca de espanto, outras começaram a rir. Logo começaram a imitar os sons, repetindo "miau, miau" no mesmo tom da música. Um aluno brincou dizendo: "Parece o sapato e o gato brigando pra ver quem mia mais alto". A professora pausou o vídeo, rindo junto, e comentou que o som também pode ser arte e que, na música e nas histórias, as coisas nem sempre são como na vida real.

A articulação entre literatura e música ampliou o horizonte de recepção da obra ao deslocar as crianças para outra linguagem artística, preservando, contudo, um elemento comum às duas experiências: o jogo sonoro. Assim, o "miado" que organizava o humor da narrativa reapareceu na ópera sob outra forma estética, permitindo que os estudantes reconhecessem permanências e transformações entre diferentes manifestações artísticas.

Durante toda a atividade, a professora manteve uma escuta atenta e respeitosa. Retomava as falas das crianças, acolhia as ideias e criava conexões entre o texto, os sons e o cotidiano da turma. Mesmo as crianças com mais dificuldade de leitura participaram de modo ativo, seja "ecoando" as palavras, seja reagindo com humor às cenas. Neitzel e Ramos (2022) entendem que uma experiência com a leitura é estética "quando provoca os sentidos (lembrando que estética vem do grego aisthesis) e requer de nós não apenas a interpretação dos signos linguísticos pela razão, mas também pela emoção, pela intuição, pela sensibilidade" (Neitzel; Ramos, 2022, p. 25).

Se houve riso, comoção e surpresa atravessando a leitura do texto, pode-se compreender que houve possibilidade de experiência estética. Na vivência observada, o riso, a surpresa, a imitação dos sons, a liberdade para formular hipóteses e o diálogo entre literatura e música sugerem que a leitura mobilizou não apenas a compreensão do texto, mas também a sensibilidade e a imaginação das crianças, configurando modos de vivência estética do texto.

A experiência analisada permite observar que o envolvimento das crianças não decorreu apenas das características da obra, mas da forma como a professora organizou as condições de encontro entre leitores e texto. O humor, os efeitos sonoros, a escuta das hipóteses, os recontos e o diálogo com a música constituíram um conjunto articulado de estratégias de mediação que ampliaram as possibilidades de participação das crianças ao longo da leitura.

O uso da projeção, do cronômetro e do vídeo contribuiu para o engajamento da turma. O ambiente foi de curiosidade, riso e descoberta. As crianças participaram com liberdade, sem medo de errar. A mediação da professora favoreceu a participação do grupo, acolheu diferentes formas de expressão e considerou os distintos ritmos de aprendizagem, transformando a leitura em um momento de criação coletiva. O caminhar da interação no compasso ruidoso e festivo do texto literário permitiu que a leitura fosse vivida como experiência compartilhada de deleite.

A CONDUÇÃO: QUANDO O LITERÁRIO ENCONTRA UM ESPAÇO PARA OCUPAR

Quando um bichano encontra um lugar confortável e inusitado para ocupar, uma boa história pode acontecer. Assim é também com o texto literário, quando se lhe dá um espaço em sala de aula. Na experiência aqui relatada, as falas dos alunos e da professora, a construção de sentidos, o diálogo com a narrativa e com as vivências individuais e coletivas constituíram formas de encontro entre o texto literário e os leitores em formação no contexto escolar.

A observação da prática permitiu compreender que a inserção da literatura na escola não dependeu apenas da presença do livro ou da realização da leitura em voz alta. Ela também foi atravessada pela organização do ambiente, pelas formas de acesso ao texto literário, pelas intervenções da professora e por sua trajetória como leitora. Desse modo, a análise da mediação exigiu considerar tanto os gestos realizados durante a leitura quanto as condições materiais e formativas que sustentaram o encontro das crianças com a literatura.

Algumas particularidades da vivência sinalizaram a ambientação escolar por meio de elementos que tradicionalmente integram as práticas pedagógicas, como as classes dispostas em fileiras. Essa disposição evidenciou a incorporação da leitura literária às rotinas pedagógicas, mas também revelou permanências da organização escolar, a qual poderia ser extrapolada, especialmente em atividades voltadas à fruição e à interação.

Apesar dessa configuração espacial, a mediação observada demonstrou que a organização física da sala não determinou, por si só, a qualidade da experiência leitora. Ao circular entre as carteiras, acolher as intervenções dos estudantes e incentivar a participação coletiva, a professora produziu aproximações que relativizaram a rigidez do ambiente escolar. A observação sugeriu, portanto, que a mediação também se constitui pela maneira como o professor ocupa pedagogicamente o espaço disponível.

A digitalização da obra foi projetada para acompanhar a leitura coletiva, enquanto o exemplar físico permaneceu nas mãos da professora, responsável pela mediação da atividade. Essa organização favoreceu a leitura compartilhada, embora outras formas de exploração do livro pelos estudantes, como o manuseio do exemplar ou a leitura em pequenos grupos, também pudessem ampliar as possibilidades de interação com a obra.

O uso da projeção ampliou o acesso simultâneo ao texto e às ilustrações, permitindo que toda a turma acompanhasse a leitura em condições semelhantes. Entretanto, a experiência também evidenciou que a materialidade do livro permaneceu concentrada na professora, restringindo o contato direto das crianças com o objeto literário. A coexistência do suporte digital e do exemplar físico revelou, assim, possibilidades e limites das tecnologias empregadas na mediação da leitura.

No que se refere à interação com a obra, a mediação apoiou-se em questionamentos orais e acolheu as falas e reflexões enunciadas pelos estudantes. Tramar o literário com a oralidade tende a ser produtivo, pois abre espaços para relações e ampara redes de significados construídos coletivamente. A proposta desenvolvida integrou práticas recorrentes da mediação de leitura. Entretanto, a singularidade da experiência destacou-se pelas interações produzidas entre as crianças e a obra, reveladas pelos diálogos, pelas hipóteses formuladas, pelos recontos e pelas relações estabelecidas com suas próprias vivências.

Mais do que favorecer a compreensão do conto, a oralidade constituiu um componente da própria experiência literária vivenciada pela turma. Ao formular hipóteses, comentar a história, responder aos colegas e reconstruir a narrativa por meio dos recontos, as crianças não apenas demonstraram compreensão do texto, mas produziram sentidos em interlocução com a obra e entre si. Nessa perspectiva, a mediação observada deslocou a leitura de uma atividade centrada na resposta correta para um processo de construção compartilhada de significados, em que diferentes interpretações puderam coexistir e ser legitimadas pelo diálogo.

Em entrevista, a professora relatou que seu "primeiro contato [com a literatura] mesmo foi na escola, porque em casa o acesso era bem limitado. Só gostei mesmo, de verdade, quando vi uma professora lendo alto e fazendo as vozes dos personagens. Aquilo me marcou: percebi que a leitura poderia ser divertida, não só tarefa". Entende-se, assim, que o encaminhamento da professora, na aula observada, buscou respeitar sua própria memória de contato significativo com a literatura, na infância, promovendo "uma leitura em voz alta divertida". Ao realizar uma leitura expressiva, explorar a sonoridade da narrativa e incentivar a participação das crianças, a professora utilizou, em sua prática, aspectos da experiência leitora que havia marcado sua própria formação.

Nessa perspectiva, sua atuação como mediadora mostrou-se perpassada por sua trajetória como leitora. A observação permitiu compreender que as escolhas realizadas durante a mediação não decorreram apenas do planejamento da aula ou do conhecimento de estratégias didáticas. Elas também pareceram mobilizar experiências acumuladas ao longo da trajetória leitora da professora.

Assim, a leitura em voz alta, a valorização do humor, o acolhimento das falas das crianças e a exploração da dimensão sonora da narrativa constituíram escolhas pedagógicas que dialogaram com sua própria relação com a literatura.

O dado ofereceu pistas sobre uma maneira de qualificar os processos de mediação do literário: potencializar a relação dos professores com a literatura, na formação inicial e continuada. Daí a relevância de momentos formativos que se dediquem à ampliação do repertório docente e ao deleite dos professores, para que os encontros com o literário sejam mais frequentes e para que os espaços ocupados pela leitura literária nas escolas sejam mais amplos, sistemáticos e, ao mesmo tempo, surpreendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo focalizou um momento de vivência literária desenvolvido em escola pública, a partir da obra "O sapato que miava", de Sylvia Orthof, e buscou contribuir para a compreensão do modo como acontece a mediação de obras ofertadas às escolas públicas, por meio do PNLD Literário. O relato e a análise do momento em foco evidenciaram que a leitura do texto literário pode promover uma experiência viva e significativa em sala de aula, quando mediada com sensibilidade estética, disponibilidade para o diálogo e ludicidade.

Embora os achados não sejam generalizáveis, sugerem a relevância de apoiar o professor em sua formação continuada, com foco na experiência literária, na constituição do repertório leitor e na mediação de leitura. A experiência analisada reforçou, nesse sentido, uma das principais questões discutidas neste estudo. Embora o livro estivesse disponível na escola por meio do PNLD Literário, foi o percurso formativo da professora que possibilitou sua apropriação como objeto de leitura e, posteriormente, sua circulação junto às crianças. A política pública garantiu o acesso ao acervo; a formação docente favoreceu o encontro da professora com a obra; e a mediação tornou possível a constituição da experiência literária na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera T. **Literatura**: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste (org.) Objetos propositores: a mediação provocada. In: MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação:** provocações estéticas, São Paulo, Instituto de Artes/UNESP, v. 1, n. 1, 2005, p. 94-123.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. (org.) In: **Estéticas dissidentes e educação**. São Paulo, SP: Pimenta Cultural, 2022. DOI: https://www.doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.95163. Acesso em: 20 jan. 2026.

ORTHOF, Sylvia. **O sapato que miava**. Ilustrações de Ivan Zigg. São Paulo: FTD, 2021.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil**: de ponto a ponto. Curitiba: CRV, 2010.

RAMOS, Flávia Brocchetto; MARANGONI, Marli Cristina Tasca; ANDREAZZA MACIEL, Rochele. A leitura literária: um convite para desdobrar(se). **Perspectiva**, 34(3), 2017. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n3p1015. Acesso em: 10 jul. 2026.